



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS VII – GOVERNADOR ANTÔNIO MARIZ
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE BACHARELADO EM ADMINISTRAÇÃO

ALINE TEXEIRA TORRES BESSA

**EMPREENDEDORISMO FEMININO E OS DESAFIOS DA MULHER
EMPREENDEDORA NA CIDADE DE ITAPORANGA: UM ESTUDO DE CAMPO**

PATOS – PB

2022.2

ALINE TEXEIRA TORRES BESSA

**EMPREENDEDORISMO FEMININO E OS DESAFIOS DA MULHER
EMPREENDEDORA NA CIDADE DE ITAPORANGA: UM ESTUDO DE CAMPO**

Projeto de Pesquisa apresentado a Universidade Estadual da Paraíba Campus VII – Governador Antônio Mariz centro de ciências exatas e sociais aplicadas, como exigência para a elaboração da Monografia Jurídica.

Orientador: Prof^º Dr^a Carolina Coeli Rodrigues Batista de Araújo

PATOS-PB

2022.2

FICHA CATALOGRÁFICA

B557e Bessa, Aline Teixeira Torres.
Empreendedorismo feminino e os desafios da mulher
empreendedora na cidade de Itaporanga [manuscrito] : um
estudo de campo / Aline Teixeira Torres Bessa. - 2022.
41 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Administração) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Exatas e Sociais Aplicadas , 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Carolina Coeli Rodrigues Batista
de Araújo , Coordenação do Curso de Administração - CCSA."

1. Empreendedorismo. 2. Microempreendedora. 3.
Gestãofeminina. 4. Mulher. I. Título

21. ed. CDD 650.1

ALINE TEXEIRA TORRES BESSA

**EMPREENDEDORISMO FEMININO E OS DESAFIOS DA MULHER
EMPREENDEDORA NA CIDADE DE ITAPORANGA: UM ESTUDO DE CAMPO**

Projeto de Pesquisa apresentado a Universidade Estadual da Paraíba Campus VII – Governador Antônio Mariz centro de ciências exatas e sociais aplicadas, como exigência para a elaboração da Monografia Jurídica.

Orientador: Prof^o Dr^a Carolina Coeli Rodrigues Batista de Araújo

BANCA EXAMINADORA

Carolina Coeli R. Batista de Araújo

**Prof^o Dr^a Carolina Coeli Rodrigues Batista de
Araújo**

Cynthia Moura Frade

Prof^o Mr^a Cinthia Moura Frade

Odilon Avelino da Cunha

Prof Dr Odilon Avelino da Cunha

RESUMO

Esta monografia versa sobre o empreendedorismo feminino e as dificuldades que as mulheres enfrentam para se inserir no meio negocial. Desse modo, almejou-se, se pretende analisar os fatores e as consequências da criação de empresas e microempresas, bem como quais as características e perfil apresentado pelo indivíduo que dá início a estas atividades de risco, ademais qual o crescimento econômico refletido pelas atividades empreendedoras no Brasil. Nesse sentido, coube avaliar as mulheres e a motivação que as fizeram pretender ou dar início às atividades empreendedoras, bem como os problemas e conflitos que decorrem desta decisão. Em contínuo, através de observação do perfil de uma mulher empreendedora da cidade de Itaporanga no Estado da Paraíba, assim por meio da aplicação de questionário e análise das respostas obtidas constataram-se como os conflitos teorizados ocorrem no campo da realidade e os meios que procura para amenizar tal conflito trabalho-família. Assim, por meio de um estudo exploratório, onde se buscará conhecer, através de uma microempreendedora na cidade de Itaporanga-PB, os aspectos que compuseram e compõe sua aplicação. Para tanto, utilizou-se a abordagem hipotético-dedutiva, pois o estudo consiste na experimentação de várias hipóteses específicas, de autores como Clark, Floriano e Macedo, para identificar, ao final, as que solucionam o problema levantado.

Palavras-chave: Microempreendedora; Gestão Feminina; Empreendedorismo.

ABSTRACT

This monograph deals with female entrepreneurship and the difficulties women face in entering the business environment. Thus, it was intended, it is intended to analyze the factors and consequences of the creation of companies and microenterprises, as well as what characteristics and profile presented by the individual who initiates these risk activities, in addition, economic growth is reflected by entrepreneurial activities in Brazil. In this sense, it was up to women to be evaluated and the motivation that made them intend to or start entrepreneurial activities, problems and conflicts that arise from this decision. Continuously, through observation of the profile of an enterprising woman from the city of Itaporanga in the State of Paraíba, thus through the application of a questionnaire and analysis of the answers obtained, it was found as the theorized conflicts occur in the field of reality and the means it seeks to soften such work-family conflict. Thus, through an exploratory study, where we will seek to know, through a microentrepreneur in the city of Itaporanga-PB, the aspects that have composed and compose its application. For this purpose, the hypothetical-deductive approach was used, because the study consists of experimenting with several specific hypotheses, authors such as Clark, Floriano and Macedo, to identify, at the end, those who solve the problem raised.

Keywords: Microentrepreneur; Female Management; Entrepreneurship.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 01.....	32
----------------	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. O DESENVOLVIMENTO DO MERCADO: O EXPONENCIAL CRESCIMENTO DO EMPREENDEDORISMO E MICRO EMPREENDEDORISMO.....	11
2.1. EMPREENDEDORISMO: CONCEITO E EVOLUÇÃO	13
2.2. MICRO EMPREENDEDORISMO INDIVIDUAL E SUAS HIPÓTESES DE APLICAÇÃO.....	16
3. EMPREENDEDORISMO FEMININO: A ASCENSÃO DA MULHER NO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO.....	20
3.1. A INSERÇÃO E INTEGRAÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO	21
4. UMA ANÁLISE DO EMPREENDEDORISMO FEMININO NA CIDADE DE ITAPORANGA-PB	29
4.1. DA APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO	29
4.2. DA ANÁLISE DOS RESULTADOS	33
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS.....	39

1. INTRODUÇÃO

O empreendedorismo tem fundamental papel na criação e no crescimento dos negócios, bem como impulsiona e prospera a localidade em que o negócio está instalado. Apesar de ter importância significativa, o empreendedorismo se inicia modestamente a partir de uma oportunidade lucrativa que o indivíduo reconhece, avalia e explora. Tais oportunidades empreendedoras são as situações no qual novos bens, serviços, matérias-primas e métodos organizacionais podem ser introduzidos e vendidos por um valor maior do que seu custo de produção, assim como a ação empreendedora, sendo a criação de novos produtos ou a entrada de novos mercados.

No Brasil o cenário do empreendedorismo, tomou evidência a partir de 1990 com a abertura da economia e surgimento de entidades como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e a Sociedade Brasileira para Exportação de Software (SOFTEX), segundo aponta Dornelas (2009), assim havendo um crescimento no sentido de incentivar a abertura de novos empreendimentos, que passaram a contar com apoios governamentais para fomentar a sua durabilidade e competitividade.

Neste sentido, no ano de 2008 foi sancionada a Lei do Microempreendedor Individual, a Lei Complementar nº 128/2008 que instituiu uma diferenciação dos empreendedores que trabalham sozinhos ou com o auxílio de, no máximo, um empregado das demais microempresas enquadradas no Simples Nacional, bem como proporcionou o acesso ao Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ), a isenção de tributos federais e a desburocratização do processo, sendo assim um incentivador da formalização dos pequenos empreendedores irregulares.

A introdução das mulheres neste mercado empreendedor é crescente e diversificado, que motivadas pela percepção de oportunidades ou impulsionadas pelas necessidades, ainda que enfrentem frequentemente situações difíceis e complexas. Para as mulheres que possuem casamento ou alguma união estável, a situação se torna ainda mais complicada, já que possuem além das responsabilidades laborais, há responsabilidade doméstica, enfrentando o denominado conflito casa-trabalho.

Diante disto, cabe analisar e conhecer a mulher empreendedora na realidade laboral, realizando uma análise de dados através de questionário e entrevista respondida por uma microempreendedora natural da cidade de Itaporanga no Estado da Paraíba.

No que concerne à técnica utilizada, a pesquisa tratará de um estudo de caso, no qual se utilizou de questionário com perguntas de respostas discursivas e múltipla-escolha e os resultados serão analisados de forma quali-quantitativa, pois ao tempo que levantará os dados disponibilizados pelo questionário e entrevista, também transformará o levantamento em conceito e opiniões sobre o motivo do determinado resultado.

Desta forma, o presente trabalho se estrutura em três momentos, o primeiro é a explanação do empreendedorismo, suas características e a sua perspectiva no mercado nacional, percebendo as principais características do perfil empreendedor. Em segundo momento, cabe verificar em sentido mais estrito o empreendedorismo feminino e como a sua atividade tem um maior impacto econômico e social que a visão comum compreende. Por fim, em um terceiro momento, a análise de mulheres empreendedoras da cidade de Itaporanga, no sertão paraibano, através da aplicação de um questionário e a discussão de seu resultado.

2. O DESENVOLVIMENTO DO MERCADO: O EXPONENCIAL CRESCIMENTO DO EMPREENDEDORISMO E MICRO EMPREENDEDORISMO

A palavra empreendedorismo é apresentada e conceituada de diferentes maneiras, como o ato de transferir recurso econômico de baixa produtividade para uma de maior produtividade ou o simples fenômeno de buscar inovação nas ideias ou nos negócios. Na concepção de Schumpeter (1939), “o empreendedor destrói a ordem econômica existente pela introdução de novas ideias e produtos”, diante de tal, é perceptível compreender que o empreendedorismo é a ferramenta do homem que busca superar e inovar o ambiente econômico.

Tais características destacam a figura do empreendedor, que se torna um ser com ideias, competências e habilidades únicas, transformando estímulos em oportunidades. Tornam-se assim, pessoas únicas que servem como referência e inspiração para outros. Cabe frisar, que de acordo com Pesquisas realizadas pelo IBGE¹ (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o Brasil como país sofre ao decorrer dos últimos anos de diferentes crises político-econômicas que ferem o desenvolvimento negocial e empreendedor, entretanto, indo à contraparte a formalização de negócios deu ritmo ao crescimento econômico do país.

Nos anos de 2014 e 2015 o Brasil apresentou uma alta taxa de crescimento, ocupando o oitavo lugar no ranking dos trinta e um países de economias impulsionadas pela eficiência, ultrapassando países como Alemanha, EUA e o próprio BRICS², ademais tal crescimento foi proporcional à taxa de crescimento do PIB nos anos já mencionados. Esse crescimento pode ser determinado pelo dinamismo no mercado interno que possuiu como componente principal a necessidade, acarretando assim uma mudança no comportamento empreendedor, assumindo um nível mais independente de atividade econômica, junto aos outros fatores como o aumento do nível de escolaridade dos brasileiros, a redução da burocracia e do peso dos impostos, conforme informou a GEM (2014) em sua última pesquisa.

¹ Link da pesquisa: <https://atendimento.sebrae-sc.com.br/wp-content/uploads/2019/05/7347.pdf>.

² Grupo econômico composto pelos países: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

Diante disso cabe compreender a motivação para empreender, os empreendedores podem agir por necessidade ou oportunidade. Aqueles que empreendem por necessidade optam por tal ao não encontrar melhores alternativas de emprego e necessitarem de rendimentos para sua subsistência e a de familiares. Já os que empreendem por oportunidade acabam identificando uma chance de negócio ou um nicho de mercado e decidem empreender mesmo possuindo alternativas correntes de emprego e renda³.

Tais fenômenos são notados em realidades econômicas distintas dentro de um país. O empreendedorismo por necessidade ocorre nos lugares onde a baixo PIB e a oferta de empregos assalariados é incipiente, já o empreendedorismo por oportunidade é vislumbrado nos grupos de países com maior nível de desenvolvimento econômico. Diante disso, o IBGE em sua última pesquisa nos anos 2014/2015 demonstrou que o Brasil possuía uma grande porcentagem de empreendedores por necessidade.

Ainda relacionada à pesquisa realizada pelo IBGE, ficou demonstrado a proporção de indivíduos com faixa etária entre 18 a 64 anos classificados como empreendedores no Brasil. Assim se pode observar uma igualdade de gênero ao empreendedorismo inicial, com equilíbrio entre iniciar um empreendimento por homens e mulheres, tendo estes ao marco inicial a faixa etária de 25 a 34 anos, já ao se referir aos empreendimentos estabelecidos no mercado, a faixa etária é dos 45 a 54 anos.

Quanto à escolaridade⁴, os brasileiros apresentam predominantemente o nível de escolaridade “secundário completo”, já os indivíduos com nível de “pós-secundário” é a mais baixa, no entanto os negócios desenvolvidos por esses com maior escolaridade tendem a ser mais bem estruturados.

³ MACEDO, Mariano de Matos... [et al]. **Global Entrepreneurship Monitor Empreendedorismo no Brasil : 2015** \ Coordenação de Simara Maria de Souza Silveira Greco -- Curitiba: IBQP, 2014. Link de acesso: <<https://atendimento.sebrae-sc.com.br/wp-content/uploads/2019/05/7347.pdf>>.

⁴ Coincidentes adotados na pesquisa: (I) “alguma educação secundária”: primeiro grau completo até o segundo grau incompleto; (II) “secundário completo”: segundo grau completo até o nível superior incompleto; (III) “pós-secundário”: nível superior completo, pós-graduação completo e incompleto, mestrado completo e incompleto e doutorado incompleto; e (IV) denominado “doutorado” completo.

Em contínuo, em 2015 o setor de atividades⁵ de empreendimento no Brasil foi o de serviços orientados para o consumidor final dos empreendimentos iniciais e estabelecidos, este setor é representado por atividades como o comércio varejista, serviços de alimentação, bebidas ou cabeleireiros, ao qual requerem, em geral, menores requisitos técnicos, escala e investimentos iniciais e tendem a apresentar níveis relativamente baixos de produtividade, além de mercados com pequenas barreiras de entrada. Ainda, também com destaque elevado há os empreendimentos em atividades da indústria de transformação. Tais empreendimentos estão voltados para o atendimento de pessoa física e poucos são os que possuem somente pessoas jurídicas como clientes.

Com o início da pandemia da COVID-19 no ano de 2019 no Brasil e a obrigatoriedade do isolamento social os empreendedores tiveram de readaptar seus empreendimentos que eram predominantemente físicos ao mundo virtual. O aumento dos empreendimentos virtuais transformou a realidade do empreendedorismo utilizado, dando nova roupagem e forma de aplicação, bem como contribuiu para o aumento de novos empreendimentos.

Por fim, os empreendimentos iniciais e estabelecidos no Brasil utilizam tecnologia nova, com menos de cinco anos, e estão envolvidos com produtos ou serviços novos para o mercado. Desta forma se podem observar as características e nuance apresentadas pelo empreendedorismo no Brasil e como ele se desenvolveu para o aspecto e realidade que convivemos atualmente.

2.1. EMPREENDEDORISMO: CONCEITO E EVOLUÇÃO

O conceito de empreendedorismo apesar de ser consideravelmente novo, tem seus passos e nuances mais antiga, no entanto, somente com a evolução dos mercados econômicos que houve um interesse de estudo. Nesse contexto se pode assinalar um início para o empreendedorismo com o fim da idade média ao quais as

⁵ Setores de atividades econômicas: extrativo (agricultura, pecuária e indústria extrativa) ou indústria de transformação; e serviços, dividido em serviços orientados para o negócio ou para o consumidor. Os serviços orientados para negócios são aqueles prestados pelo empreendedor a outro empreendedor de sua cadeia produtiva. Os serviços orientados para o cliente são prestados para o consumidor final ou, no geral, para as famílias.

condições econômicas começaram a se modificar e o empreendedorismo evoluía com base nas classes dos comerciantes e na ascensão das cidades.

Em 1982, Vérin iniciou os estudos traçando a evolução do termo *entrepreneur* que se modificou durante os séculos, assim no século XII se referia a “àquele que incentiva brigas”, já no século XVII, “tomar a responsabilidade e coordenar uma operação militar” e por fim no século XVIII, refere-se à pessoa que “cria e conduz empreendimentos”. Esta mudança drástica no significado do termo se dá pela expansão do empreendedorismo à época. Nos séculos XVI a XVII houve um conhecimento experimental baseado nas habilidades para corrigir ineficiências ou fornecer novas soluções, bens ou serviços, já no século XVIII o termo passou a ser utilizado para se referir às ocupações específicas.

Neste sentido, se pode observar que o significado de empreendedor se modificou com o passar dos anos, assim Landström e Benner (2010) dividiram a evolução do empreendedorismo em três eras: era econômica, era das ciências sociais e era dos estudos de gestão. A era econômica baseia-se nos estudos empregados pelos economistas entre os anos de 1870 a 1940, como a abordagem de Cantillon apresentada por Frank Knight (1921), com foco nas incertezas e no risco, ainda a teoria Schumpeteriana de Joseph Schumpeter ao qual diz que a economia é baseada na mudança e inovação, por fim a escola Austríaca que no empreendedorismo há o esclarecimento da ligação entre o empresário e a empresa.

A era das ciências sociais se baseia durante os anos 1940 a 1970 ao quais psicólogos e cientistas sociais direcionaram seus estudos para o empreendedor como um indivíduo e começaram a investigar suas obras e traços de personalidade. Por fim a era dos estudos de gestão que se iniciou de 1970 e se estende até os dias atuais que está sendo caracterizada por mudanças políticas, econômicas e tecnológicas, ao qual o empreendedorismo tornou-se um importante tópico.

Em contínuo, nota-se o empreendedorismo como uma nova ciência, no entanto é imprescindível a manutenção dos pilares que precisamente constitui o empreendedorismo, assim é prudente analisar o desenvolvimento histórico de maneira sistemática para estabelecer uma base para o futuro do empreendedorismo e sua aplicação em campo próprio. Diante das pesquisas sobre o ramo do empreendedorismo, há três fases (decolagem, crescimento e maturidade) que

contribuíram para sua evolução como ciência, como dispôs Shane e Venkataram (2000).

A primeira fase ou como denominada, fase da decolagem, recebe tal terminologia por ser neste que os primeiros estudos se iniciaram, tendo como foco a figura do empreendedor e sua personalidade. A segunda fase, a fase do crescimento, ao qual houve a fragmentação da pesquisa e estruturação do ramo que provocou uma gama de diferentes pesquisas, ocasionando a perda da legitimidade. A terceira fase, a fase da maturidade, que com a consolidação dos estudos sociais quanto dos cognitivos houve interesse em estudiosos de diferentes disciplinas gerando ponto de vistas divergentes que colaboraram para entendimentos multiconceituais do empreendedorismo.

Em consonância a tal, Shane e Venkataraman (2000) estabeleceram os dois elementos-chave quanto à definição e compreensão do conceito de empreendedorismo, o estudo das fontes de oportunidades (processo de descoberta, avaliação e exploração) e o conjunto dos indivíduos que as descobrem. Neste sentido a figura do empreendedor se destaca, sendo aquele que toma as decisões de julgamento sobre a coordenação de recursos escassos e que, na maioria das vezes, está relacionado ao comportamento inovador através da criação e crescimento de uma empresa, conforme discorre Naudé (2011).

Naudé (2011) apresenta as duas visões relacionadas entre o empreendedorismo e o crescimento. A primeira visão é apresenta um desenvolvimento reduzido ao ponto que iguala o empreendedorismo com o crescimento econômico, a produtividade ou o emprego, no entanto ainda é insuficiente já que a coordenação dos recursos, a criação de novos negócios e a inovação não necessariamente promove o crescimento, pois, em alguns casos, são os resultados do próprio crescimento.

Já a segunda visão está interligada as atribuições de papéis ou funções, que inclui a realocação de recursos, risco, ambiente para inovação e concorrência, assim a atribuição dos papéis e das funções para o empreendedor pode ser analisado como uma supressão aos atributos do empreendedor. Neste sentido as duas visões referem-se apenas aos resultados individuais.

Quanto à figura do empreendedorismo no contexto econômico as transformações proporcionadas são acompanhadas pelo crescimento e a produção, permitindo que o lucro obtido com as atividades seja dividido entre os participantes, proporcionando resultados mais expansivos. Schumpeter (1939) destaca o empreendedor na economia como o promotor do desenvolvimento econômico, em sua função de inovador e sua capacidade de realizar novas combinações com os recursos produtivos associados à noção da destruição criativa.

Os autores Baron e Shane (2007) atribuem três fatores aos empreendedores que contribuem para o desenvolvimento. O primeiro fator é a divulgação do crescimento do empreendedorismo relatada pela mídia, tendo como resultado visão positiva e atraente. O segundo fator é a alteração nas relações de trabalho, impulsionadas falta de emprego e reestruturações das corporações, favorecendo uma idealização relacionada a melhores condições de trabalho. Por fim, o terceiro fator há a concepção do valor da independência, ao qual prefere a possibilidade de escolha ao invés de certezas ou previsibilidade.

Assim é possível visualizar os motivos da ascensão do empreendedorismo que se reflete no crescimento paralelo no número de pessoas que escolhem se tornarem empreendedoras ou que desejam começar seus próprios negócios, tal instituição ganha ainda mais força ao emprego de apoio dos governantes, que em reconhecem a força do empreendedorismo para o mercado interno. Diante de tais conjecturas, nota-se a importância do empreendedorismo como um dos meios para o desenvolvimento econômico.

2.2. MICRO EMPREENDEDORISMO INDIVIDUAL E SUAS HIPÓTESES DE APLICAÇÃO

A contraparte da massificação tecnológica e diminuição de empregos formais, as pessoas deram início ao “autoemprego”, esta terminologia nada mais se refere à prática do empreendedorismo. Entretanto não se pode dar vez ao empreendedorismo refugiado ao quais as pessoas se aventuram com pouco ou nulo conhecimento acarretando o insucesso do negócio. Deste modo, se deve incentivar

o empreendedorismo real, ao qual o futuro empreendedor se capacita e compreendo o que se é necessário para auferir sucesso e lucro no investimento negocial.

Diante desta perspectiva há uma grande concentração de empreendedores informais. Este tipo de empreendedor apresenta características específicas como baixa acumulação de capital, produção em pequena escala e exerce a atividade econômica a margem legal com ausência de proteção ou regulamentação e falta de firmação contratual escrita.

Na tentativa de diminuir tais casos o governo brasileiro adotou medidas de política pública do microempreendedor individual com o advento da Lei Complementar nº 128/2008, comumente conhecida como MEI, à nova lei surgiu como substituta para a antiga Lei Complementar 123/2006, ou Lei do Supersimples. O referido texto legal trouxe em seu teor prerrogativas que buscam beneficiar e estimular a adesão a MEI, como o registro de CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica), direitos previdenciários, dispensa de algumas burocracias tais como não necessidade de contador, emissão de isenção de impostos (IR; PIS; Cofins; IPI; CSLL)⁶ e o Portal do Empreendedor⁷.

No entanto não apenas de prerrogativas que a Lei Complementar foi composta, algumas obrigações também foram implementadas, tal como uma maior formalidade da microempresa que deve apresentar o Relatório Mensal das Receitas Brutas, realizar contribuição previdenciária, Simples Nacional e o pagamento do ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços) e ISS (Imposto sobre Serviços de qualquer Natureza).

Diante disso pode-se ainda comparar com o conceito trazido pelo art. 966 e seu paragrafo único do Código Civil:

Art.966. Considera-se empresário quem exerce profissionalmente atividade econômica organizada para a produção ou a circulação de bens ou de serviços.

Parágrafo único. Não se considera empresário quem exerce profissão intelectual, de natureza científica, literária ou artística, ainda com o concurso

⁶ Imposto de Renda – IR; Programa de Integração Social – PIS; Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social – Cofins; Imposto sobre Produtos Industrializados – IPI; e Contribuição Sobre o Lucro Líquido – CSLL

⁷ Portal do Empreendedor no endereço eletrônico: <<http://www.portaldoempreendedor.gov.br/mei-microempreendedorindividual>>.

de auxiliares ou colaboradores, salvo se o exercício da profissão constituir elemento de empresa.

Neste contexto, cabe analisar as finalidades incrustradas na Lei da MEI, como a finalidade econômica, a finalidade social e a finalidade contábil.

A finalidade econômica é perceptível quando se enquadra o mercado em que vivemos o capitalismo, a produção e o desemprego são características das últimas eras, diante disso o informal tomou espaço dentro da formalidade aplicada no mercado, fazendo surgir uma disputa de geração de capital econômico, neste sentido a LC nº 128/2008 buscou englobar a camada populacional que contribui de maneira significativa para a produção de capital, já que como frisa Tavares (2004):

O caráter flexível da informalidade caminha lado a lado com o crescente desaparecimento das regulações que caracterizam o trabalho formal, o que consideramos um forte indício de tendência à generalidade do trabalho informal.

Em contínuo, a finalidade social se liga a situação de desemprego crescente e a vulnerabilidade social, que fomenta a migração das pessoas para a informalidade buscando meios de sobrevivência e sustento, trabalhando de forma clandestina e muitas vezes perigosa, deixando de se beneficiar com a Previdência Social, a MEI então vem para proporcionar a esses trabalhadores informais os benefícios e seguridades que lhe foram privados pela informalidade como saúde, direitos trabalhistas e aposentadoria.

Por fim, a finalidade contábil ao qual se apresenta na arrecadação de tributos para os cofres públicos que financiam as atividades geradoras de desenvolvimento e que atendem as necessidades sociais básicas da população. E como já mencionado anteriormente no presente texto, a LC nº 128/2008, arrecada diferentes impostos, “portanto, a arrecadação de tributos é uma forma de financiamento do governo para garantir os direitos sociais aos cidadãos” (BRASILINO, et al., 2010).

Nesta perspectiva da MEI, cabe assinalar duas teorias do capital, a teoria do capital humano e a teoria do capital social. A primeira teoria se reveste na concepção que o capital atrelado a figura do microempreendedor influencia diretamente na produtividade, o que, por conseguinte reflete na lucratividade. Cabe

avaliar que o homem é sujeito ativo da sociedade, no qual pensa, age e transforma, sendo dotado então de valor, sendo assim esse valor um fator determinante na produção, entretanto tal valor é medido no parâmetro educacional, a capacidade e o nível acadêmico e intelectual que o microempreendedor apresenta, assim quanto maior o grau de instrução, maior o indivíduo e o capital.

A Teoria do Capital Humano está totalmente ligada ao modelo capitalista, surgiram com o objetivo de legitimar as desigualdades e as relações de força do sistema capitalista desconsiderando a ligação entre fatores sociais, históricos, políticos e econômicos. (SILVA, 2008)

Já a teoria do capital social, se refere a relações interpessoais feitas pelo microempreendedor que geram desenvolvimento instrumental, informacional e psicológico, assim na visão de Kliksberg (2003) “o capital social desempenha um papel importante ao estimular a solidariedade e superar as falhas do mercado através de ações coletivas e uso comunitário de recursos”, desta forma se caracterizando que uma rede de contatos gera maior desenvolvimento.

3. EMPREENDEDORISMO FEMININO: A ASCENSÃO DA MULHER NO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

Em meio à alavancagem econômica, o empreendedorismo feminino se tornou uma grande potencia de desenvolvimento, contribuindo para a geração de empregos, independência familiar e equidade de gênero. O emprego do termo “empreendedorismo feminino” iniciou-se na década de 90 com a ascensão de muitas mulheres no mercado empreendedor a frente de grandes empresas.

Sabe-se que há poucas décadas passadas, a figura feminina possuía obrigações exclusivamente domésticas e familiares, ficando o homem ao encargo de prover o sustento. Tal situação projetou à mulher uma característica generalizada de ser unicamente emocional o que fez ser transpassado para o ambiente profissional e socioeconômico. Atualmente, as mulheres do meio empresário sofrem com o estigma e maior rigor para o crescimento no mercado, sempre buscando através de seu trabalho minimizar gênero e maximizar o resultado.

Assim “na medida em que o trade-off entre diversidade e especialização concentra-se nas empresas, a homogeneidade e heterogeneidade concentram-se em indivíduos” (Bárbara Resende, 2020), tal colocação reflete ao dois tipos de modelo econômico aplicado, qual seja o gerencial que se baseia em uma aplicação homogênea, assim, administram a manutenção de tarefas em forma direta de controle dos empregados. Já o modelo de economia empreendedora se baseia na aplicação heterogênea, ao qual acaba por ser mais problemática e com maiores custo e menos eficaz.

Em contexto geral a mulher executa a figura empreendedora inferior ou proporcional ao homem e a partir desta compreensão se pode entender a diferença e obstáculos de gênero, tais restrições advindas da sociedade por fatos culturais ou até mesmo legais, ao qual se somam muitas vezes as responsabilidades domésticas que foram transmitidas como obrigação da mulher e não como uma obrigação familiar.

Em contrapartida a estas dificuldades, a figura empreendedora se torna cada vez mais promissora, Villas Lobos (2010) acarreta tal resultado as

características que as mulheres possuem ou executam com mais facilidade do que os homens, como uma maior capacidade de persuasão e comunicação com o cliente, ser mais intuitiva, sensível, criativa, organizada, justa e paciente. Cruz e Moraes (2013) complementa que após um período adverso e com grande pressão, as mulheres tem a tendência de saírem mais preparadas e fortalecidas.

Ainda que apresentada tais características, muitas mulheres sucumbem ao temor e receio de empreender, tal situação pode se dar desde a falta de apoio financeiro, moral ou simplesmente de confiança própria, Welshe et al. (2014) frisa a importância de uma rede de apoio seja familiar ou de amizade, além do conhecimento prévio, já que isso acarreta uma maior segurança no gerenciamento e outras atividades.

3.1. A INSERÇÃO E INTEGRAÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO

O conceito de empreendedorismo não apresenta características divergentes para homem e mulher no momento de empreender, no entanto são crescentes os empreendimentos por mulheres e também as pesquisas relacionadas a este tema.

Um dos fatores que contribuiu significativamente para o aumento da importância que vem sendo dada aos estudos na área do empreendedorismo feminino está relacionado com o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho, (Cassol, 2006; Marasea & Andrade, 2006).

No Brasil a taxa de empreendedorismo inicial feminino tem se igualado ao empreendedorismo masculino em número de empreendimentos, cabe ressaltar que 47% dos microempreendedores individuais e 39% dos micros e pequenos empresários são mulheres (CNDL; SPC Brasil, 2015). Este crescimento de empreendimentos femininos ocorre mais pela necessidade do que por oportunidade, tal motivação pode estar atrelada da vida pessoal, na frustração do emprego ou suprir o sustento da família e se auto sustentar. Esta participação das mulheres, já o nível de ocupação pelas mulheres é pelo crescimento do setor de serviços, uma maior flexibilização do mercado de trabalho, o aumento da ocupação por conta própria e da informalidade em geral.

Ainda que com o aumento das vagas no mercado de trabalho, Lages (2008) apresenta:

Apesar de a escolaridade das mulheres ser comparativamente mais elevada do que a dos homens, as condições de trabalho e remuneração tendem a ser inferiores e ainda, podem ser consideradas limitadas as oportunidades de inserção das mulheres em posições mais qualificadas, estando estas mais restritas a alguns setores do mercado.

Apesar da maior integração das mulheres no mercado de trabalho, é demonstrado através de pesquisas realizadas que há diferentes barreiras como menores salários, deficiência nas políticas sociais, dificuldade na progressão de carreira, dupla jornada, falta de voz em decisão de poder. Em alternativa as mulheres iniciam os seus empreendimentos, no entanto não apresentam uma visão de como gerir um negócio, assim por incentivo familiar transformam um hobby em uma profissão definida, tornando o empreendimento em uma estratégia de vida e não apenas uma ocupação ou meio de ganhar dinheiro.

As mulheres estão marcando sua presença no mundo do trabalho, inclusive do trabalho por conta própria, apesar das dificuldades e barreiras impostas. No entanto, independente da natureza do empreendimento, o que se observa é que as mulheres estão à frente dos homens na abertura de empresas, principalmente em um setor que vem atraindo o crescimento da economia como a prestação de serviços, sobressaindo-se de forma inovadora. (Hisrich & Peters, 2004).

A gestão feminina pode apresentar princípios e valores diferentes dos do homem, apresentando um formato de organização menos burocrático e rígido, valorizando mais os indivíduos, através da visualização da necessidade individual de cada empregado, horário de trabalho flexível e um maior incentivo ao aprimoramento educacional. Ademais, a vida útil dos empreendimentos dirigido por mulheres alcançam um tempo maior entre os micros e pequenos negócios, desta forma as mulheres têm passado a representar expressiva importância no mundo corporativo, e contribuindo para uma gestão que corresponde às expectativas do mercado.

A forma que as mulheres gerem os micros e pequenas empresas vêm contribuindo significativamente na esfera econômica e social, tal impulso fez surgir o interesse em compreender as características pessoais que as diferem dos homens, assim além das comumente reconhecidas como a iniciativa, a coragem e a

determinação, também se pode observar uma maior cooperação, intuição e sensibilidade. Para Stolcke (1980), “ocorre porque as mulheres, de modo geral, tem uma tendência para lidar com a multiplicidade de papéis desempenhados no ambiente familiar e profissional, além da habilidade para encontrar soluções criativas para as situações imprevistas, mesmo com a sobrecarga de atividade em família”.

Sinônimo de bem-estar e sobrevivência, o trabalho é o meio onde os indivíduos buscam sua realização pessoal sendo úteis e provendo as necessidades básicas. Atualmente a forma unidimensional que integra trabalho e família envolve diferentes causas, as mudanças estruturais exigidas pela economia atual e a multiplicidade de papéis que ocasionam tensões pela incompatibilidade das diferentes expectativas. Esta tensão é até certo ponto perigosa nas relações trabalho-trabalhador e trabalhador-família, já que podem ocasionar conflitos que afetam a saúde mental, desempenho, qualidade laboral executada.

Trabalho e família são aspectos da vida que proporcionam satisfação e conflito, então são necessárias estratégias que possibilitem os indivíduos estarem proporcionalmente satisfeitos e envolvidos nos diferentes aspectos de sua vida, minimizando quaisquer problemas que resultem desta interrelação. Decorrente dessa perspectiva, Greenhaus e Beutell⁸ (1985) discutiram que “... a participação no papel do trabalho é dificultada em virtude da participação no papel da família e a relação inversa também se verifica, o que explica a bidirecionalidade do conflito”.

Diferentemente da visão abstrata e metafórica dos autores anteriores, Edwards e Rothbard⁹ (2000) vinculam a relação trabalho-família em algo mais causal e categoriza em transbordamento, compensação, segmentação, drenagem de recursos, congruência e conflito, tal classificação demonstra os problemas de diferentes âmbitos se entrelaçam, assim compensando a insatisfação de um com o outro, buscando alívio momentâneo, ou a separação entre as duas, não havendo interferência de um domínio sobre o outro.

Em contínuo, com intuito de compreender além da visão casual trabalho-família, Clark (2000) propôs a teoria das fronteiras, na qual a premissa de que a

⁸ Sources of conflict between work and family roles. *Academy of Management Review*, 10(1), 76-88.

⁹ Mechanisms linking work and family: Clarifying the relationships between work and family constructs. *Academy of Management Review*, 25(1), 178-199.

relação entre os dois domínios não é emocional, mas humanas, e que as fronteiras existentes entre essas são atravessadas diariamente pelos indivíduos, que moldam suas experiências por meio de atitudes que irão afetar positiva ou negativamente seu equilíbrio. As divergentes formas de interação do trabalho e da vida doméstica nortearam a desenvolver conceitos que proporcionam maior equilíbrio entre os diferentes domínios, pois as pessoas são agentes ativos que definem a força e os limites que facilitarão ou dificultarão seu próprio equilíbrio.

Baseando-se na teoria das fronteiras de Clark, os autores Kreiner, Hollensbe e Sheep¹⁰ (2009) elaboraram táticas que equilibrariam a vida doméstica com o trabalho, quais sejam a tática comportamental, a tática temporal, a tática física e a tática comunicativa.

A tática comportamental é a utilização de habilidades interpessoais e disposição das pessoas próximas ao indivíduo nos diferentes domínios que poderão auxiliá-lo a superar os dois limites em questão; A tática temporal envolve as decisões de como lidar com as questões do tempo em meio às complexidades do trabalho e das responsabilidades familiares; A tática física corresponde à decisão de criar, manter ou flexibilizar as barreiras físicas existentes entre o domínio do trabalho e o doméstico; A tática comunicativa implica criar estratégias bem definidas de comunicação que visem determinar estratégias e limites os transgressores de fronteiras.

Como já apontado, o empreendedorismo é uma área importante para o desenvolvimento econômico brasileiro e requer maturidade emocional e psicológica para lidar com crises, tensões e gestão financeira, para as mulheres os desafios são ainda mais intensos, a dificuldade e pressão em conciliar diariamente família e trabalho, no entanto quaisquer complicações não impedem as mulheres de empreender.

Apesar dos estudos e compreensão da ascensão feminina no empreendedorismo, há déficit na consideração do entendimento do conflito família-trabalho, já que “negócios e famílias são comumente considerados instituições

¹⁰ Balancing borders and bridges: Negotiating the work–home interface via boundary work tactics. *Academy of Management Journal*, 52(4), 704–30.

sociais distintas e, como tal, são tipicamente investigados separadamente” (Naldi, Baù, & Markowska, 2019; Zhu, Zhou, Lau, & Welsh, 2020).

Neste sentido, em 2001, Lee Siew Kim e Ling¹¹ pesquisaram o conflito trabalho-família entre as mulheres empreendedoras de Singapura, as estudosas em meio às pesquisas e coletas de dados separaram em três partes distintas os causadores de conflitos, quais sejam o conflito cônjuge-trabalho, o conflito pais-trabalho e o conflito dona de casa-trabalho. Os resultados apontaram que as horas trabalhadas e a inflexibilidade delas influenciaram significativamente nos conflitos dona de casa-trabalho e pais-trabalho, ademais há uma influência como stress no conflito cônjuge-trabalho que pode ser maximizada com a existência de filhos e a idade que possuem.

Por fim, as pesquisadoras concluíram que os três tipos de conflito trabalho-família, o conflito cônjuge-trabalho é o mais significativo, tendo em vista que pode influenciar as mulheres tanto positivamente quanto negativamente, pois reflete no bem-estar pessoal e laboral, assim “o apoio emocional e de atitude dos cônjuges tenha a maior influência na redução do nível de conflito entre trabalho e família das empreendedoras” (Lee Siew Kim e Ling, 2001).

Em contínuo, Jonathan e Silva¹² (2007) categorizou em três as situações de conflito: conflito no espaço do trabalho, conflito entre demandas familiares e profissionais, conflito entre demandas do trabalho e pessoais. Em resposta a eles, foi observado que as mulheres adotaram táticas para amenizar o stress e as consequências acarretadas dele, como planejamento do tempo, estabelecimento de parcerias e cumplicidade, e uso de dispositivos de alívio e de tensão.

Em 2014, os autores Alperstedt, Ferreira e Serafim¹³, baseando-se nas empreendedoras participantes do prêmio Mulher de Negócios em Santa Catarina promovido pelo SEBRAE, analisaram dificuldades enfrentadas por estas mulheres

¹¹ Work-family conflict of women entrepreneurs in Singapore. *Women in Management Review*, 16(5), 204-221. doi: 10.1108/09649420110395692.

¹² Empreendedorismo feminino: tecendo a trama de demandas conflitantes. *Psicologia & Sociedade*, 19(1), 77-84. doi: 10.1590/S0102-71822007000100011.

¹³ Empreendedorismo Feminino: dificuldades relatadas em histórias de vida. *Revista de Ciências da Administração*, p.221-234, 16. Doi:10.5007/2175-8077.2014v16n40p221.

durante o processo de empreender, que além dos próprios problemas da atividade empreendida, a condição do sexo feminino contribuiu como agravante para os problemas enfrentados, como o preconceito, a falta de respeito e credibilidade. Ademais, destacou-se para elas o conflito familiar, empresarial e pessoal, que assinalaram a condição da criação dos filhos sendo atrelado à mãe na estrutura familiar, o que dificulta a conciliação dos múltiplos papéis.

Consequente, também em 2014, em pesquisa realizada por Strobino e Teixeira¹⁴ com empresárias do setor de comércio de material de construção, destacaram o conflito trabalho-família que elas enfrentavam, como a falta de tempo de qualidade com os familiares e sua família e as formas que usavam para lidar com isso, assim constatou-se que o controle emocional, a participação familiar na tomada de decisões, a flexibilização de horários, a organização, o planejamento, a liderança, a delegação de responsabilidades e o apoio do cônjuge, auxiliam para amenizar nos impactos do conflito.

O autor Floriano¹⁵ (2013), já havia discutido sobre tal problema, a responsabilidade feminina de exercer diferentes funções na sociedade pode ser prejudicial ao início do seu próprio projeto comercial, já que exige um direcionamento firme para ver seu negócio se tornar real e a preparação intelectual para gerenciar sua organização. Neste sentido:

Esse processo pode desencadear consequências na sua relação com familiares, e seu empreendimento pode exigir uma grande quantidade de tempo e esforço que nem sempre lhe proporcionará o retorno desejado, fato que tenderá a incorrer na sua estabilidade matrimonial, com a criação de filhos e bem-estar individual. (Alsos, Carter, Junggren, & Jørstad, 2016)

Para Shelton (2006), existem três estratégias que podem gerenciar o conflito trabalho-família, quais seja a eliminação de papéis, a redução da participação num papel e o compartilhamento de papéis. Na visão do autor:

¹⁴ Empreendedorismo feminino e o conflito trabalho-família: estudo de multicasos no setor de comércio de material de construção da cidade de Curitiba. Revista de Administração (São Paulo), 49(1), 59-76. <https://doi.org/10.5700/rausp1131>.

¹⁵ Empreendedorismo Feminino: motivações, significados e desdobramentos. Relatório de pesquisa (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do CNPq/GVpesquisa) - Escola de Administração de Empresas, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo.

...mulheres ambiciosas, que buscam o crescimento dos seus negócios, as estratégias de eliminação e redução de papéis são implementadas encolhendo o papel da família em vez do trabalho, enquanto mulheres menos voltadas para o crescimento podem optar por diminuir as metas de trabalho ou optar por ficar em casa. (Shelton, 2006)

Já em relação ao estudo apresentado por Silva, Mainardes e Lasso¹⁶ em 2016, as mulheres entrevistadas relataram que não enfrentavam nenhum tipo de conflito trabalho-família, mas que o fato de serem casadas afetava de forma positiva seus empreendimentos, já que os cônjuges ou parceiros eram principais incentivadores para elas empreenderem.

Em muitas realidades, as mulheres abrem mão de receitas maiores e crescimento para poderem conciliar suas demandas do negócio com as tarefas domésticas, compartimentando seu tempo de trabalho e sua vida pessoal e familiar. (Alsos, Carter, Junggren, & Jørstad, 2016)

No entanto, a realidade para muitas mulheres é outra, ainda que consiga iniciar seus empreendimentos grande parte acaba desistindo ou conseguem que seus negócios prosperem e tenham relevância. Tais situações são decorrentes da falta de priorização de dedicação ao empreendimento, o mitigando com os afazeres pessoais, como as obrigações de domésticas e familiares, sendo demonstrativa a dificuldade de conciliação das funções familiares e laborais.

Na busca de meios alternativos para este problema, as mulheres buscam o apoio moral e divisão das responsabilidades com seus cônjuges e parceiros nas atividades domésticas, além da possibilidade de contratação de serviços domésticos, auxiliando na sobrecarga da responsabilidade de casa, ainda a ajuda de familiares com as crianças ou até mesmo quando possível e necessário leva-las ao local de trabalho.

Assim, mesmo com o crescimento feminino no mercado empreendedor, as divisões das responsabilidades domésticas e familiares entre os homens e as mulheres e as consequências na vida pessoal e profissional destes, é bastante desigual, desta forma quando as mulheres sofrem uma sobrecarga de funções e não

¹⁶ Características do Empreendedorismo Feminino no Brasil. Revista Gestão e Desenvolvimento, Novo Hamburgo, 13(2), 150-167.

recebe apoio suficiente dos parceiros e cônjuges, isso reduz as possibilidades de gestão do seu próprio negócio. Em contraste, “bons relacionamentos conjugais e apoio de pais e filhos podem favorecer a um maior espírito empreendedor por meio do suporte familiar, reduzindo os impactos negativos experimentados no trabalho” (Zhu et al., 2020), o que mostra que os papéis desempenhados pela família são cruciais para o insucesso ou sucesso no empreendedorismo.

4. UMA ANÁLISE DO EMPREENDEDORISMO FEMININO NA CIDADE DE ITAPORANGA-PB

A cidade de Itaporanga, localizada no interior do Estado da Paraíba, na região do Vale do Piancó, abriga um crescente desenvolvimento econômico, industrial e empreendedor. A cidade possui uma população com cerca de 24.960 habitantes, conforme última datação do IBGE¹⁷ apresenta atualmente 1.859 empresas ativas¹⁸, aos quais se dividem microempresas (ME), microempreendedores individuais (MEI), empresas S.A., empresas individuais, EIRELI, condomínios, sociedades limitada (LTDA).

Grande parte destes empreendimentos é registrada ou administrada por mulheres da própria cidade. As mulheres nordestinas são retratadas como fortes e independentes, tendo em vista as dificuldades que muitas vezes enfrentam durante a vida, cabe salientar que a perspectiva de vida e trabalho em cidades interioranas são quase que totalmente divergentes das capitais de Estado, conforme expõe o IBGE.

Desta forma, através de um questionário formulado com perguntas subjetivas, aplicado pela plataforma do Google Questionário, foram entrevistadas quatro microempreendedoras local, ao qual lograram êxito em seus empreendimentos e mudaram suas perspectivas financeiras e familiares.

4.1. DA APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

Pretendendo alcançar seu objetivo, este trabalho em sua metodologia de estudo apresenta uma natureza descritiva, ao qual Barros e Lehfelld (1986) discorrem que “realiza-se o estudo, a análise, o registro e a interpretação dos fatos do mundo físico sem a interferência do pesquisador”, bem como uma abordagem

¹⁷ Link de acesso IBGE (<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pb/itaporanga.html>).

¹⁸ Link da lista de empresas ativas (<https://consultas.plus/lista-de-empresas/paraiba/itaporanga/>).

qualitativa, que conforme dispõe Goldenberg (1997), “exige um estudo amplo do objeto de pesquisa, considerando o contexto em que ele está inserido e as características da sociedade a que pertence”, assim observando as experiências vivenciadas pelas microempreendedoras individuais e sua relação trabalho-família, assim como afirma Lincoln e Guba (1985) “será possibilitado o processo de indução a partir dos dados coletados e sua interpretação”.

Desta forma, a pesquisa foi realizada com quatro microempreendedoras da cidade de Itaporanga, no Estado da Paraíba através da coleta de dados em uma entrevista estruturada com dezenove perguntas alternadas entre objetivas e subjetivas, aos quais apresentavam conteúdo referente aos microempreendimento que desenvolveram e as suas vidas familiares, neste sentido, garantindo a validade e confiabilidade dos resultados coletados foi possível obter dados suficientes para a compreensão do assunto analisado.

A aplicação do questionário ocorreu no mês de janeiro de 2022, através da plataforma do Google formulário, através do qual as respostas foram escritas e selecionadas, e posteriormente submetidas a uma análise qualitativa do conteúdo, assim como preceitua Bardin (2010), que afirma tratar-se “um processo que envolveu pré-análise, exploração e tratamento dos dados coletados e sua posterior interpretação e inferência”.

Dessa forma se constatou que o tema central encontrado por meio da discussão apresentada fez parte do propósito dessa pesquisa e foi corroborado pela análise proveniente da aplicação do formulário, consolidando os conceitos como o microempreendedorismo feminino, o conflito trabalho-família e as estratégias de enfrentamento utilizadas.

As respondentes do questionário apresentam o perfil sócio demográfico variado, assim a tabela 01 abaixo apresenta as informações de idade, do estado civil, se possui filhos, da escolaridade, da renda familiar e tipo de empreendedorismo que trabalha, diante disso, constatou-se que as características sócias demográficas das empreendedoras participantes do estudo estão em concordância com o analisado e conjecturado na pesquisa acadêmica realizada ao decorrer do presente trabalho, o que traz maior informação e certeza ao perfil sócio demográfico de

mulheres empreendedoras e microempreendedoras da cidade de Itaporanga, Paraíba.

Tabela 01 – Perfil Sócio Demográfico das Mulheres Empreendedoras da Cidade de Itaporanga-PB

Código	Idade	Estado Civil	Filhos	Escolaridade	Renda Familiar Mensal	Tipo de Empreendimentos
P1	46 anos	União Estável	Possui filhos	Ensino superior completo	Acima de R\$ 2.000,00	Vendedora de perfumes
P2	Entre 30 a 35 anos	Casada	Possui filhos	Ensino superior incompleto	Abaixo de R\$ 600,00	Vendedora de cosméticos
P3	Entre 20 a 25 anos	Solteira	Não possui filhos	Ensino superior completo	Abaixo de R\$ 600,00	Fabricante de doces
P4	42 anos	Divorciada	Possui filhos	Ensino superior completo	Entre R\$ 1.000,00 a R\$ 2.000,00	Vendedora de perfumes

A partir da tabela pode-se considerar que relacionado às idades das participantes variam entre 20 a 46 anos, também se constatou que grande parte está ou esteve em um relacionamento estável, ademais 03 (três) das 04 (quatro) entrevistadas possuem filho. Quanto ao nível de escolaridade a maioria das participantes possui nível de ensino superior completo, confirmando os dados da pesquisa realizada pelo Global Entrepreneurship Monitor¹⁹ em 2017, que afirma que a grande parte dos empreendedores brasileiros possuem graduação ou pós-graduação, assim demonstrando que as empreendedoras são experientes e com alto nível de escolaridade.

Referente à renda familiar mensal percebe-se uma variação nos valores arrecadados, aos quais 02 (duas) das 04 (quatro) participantes responderam que possuem renda abaixo de R\$ 600,00, e as outras 02 (duas) participantes os valores variam entre R\$ 1.000,00 a mais de R\$ 2.000,00, pactuando a isso Cisneros (2015) relaciona a complementação da renda familiar à complexidade do ambiente econômico nacional e internacional, o que determina diferentes fatores para a continuidade do empreendedorismo feminino. Neste sentido, pode-se compreender que o valor de lucro obtido do empreendimento será variável, corroborando com a ideia de o empreendedorismo ser unicamente um complemento de renda e não a atividade principal.

Ademais foi questionado qual foi à motivação para dar início ao negócio, ao qual a P1 discorreu que “É uma opção de trabalho, gosto do que faço e a renda é satisfatória”, a P2 respondeu que “Tinha experiência e é uma forma de obter retorno financeiro”, já a P3 e P4 responderam apenas que “Ter uma renda extra”, desta forma pode-se constatar nas respostas que a principal razão foi à complementação de renda através do uso de suas habilidades, o conhecimento prévio e a influência da família, assim foi um balanceamento entre a oportunidade e a necessidade das empreendedoras participantes da pesquisa.

¹⁹ Global Entrepreneurship Monitor. Empreendedorismo no Brasil: Relatório executivo 2017. Disponível: https://m.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Relat%C3%B3rio%20Executivo%20BRASIL_web.pdf.

4.2. DA ANÁLISE DOS RESULTADOS

As respondentes, ao serem questionadas se possuíam outras atividades além dos empreendimentos que geria, foram categóricas em responder que sim, a P1, P2 e P4, responderam que possuíam família e emprego estável, já a P3 respondeu que somente exercia outra profissão.

Diante as resposta que as participantes disponibilizaram, ficou evidente o conflito trabalho-família que todas as 04 (quatro) enfrentam em seu cotidiano, as microempreendedoras participantes responderam possuir múltiplos ofícios, como ser mãe e companheira, unindo assim aspectos profissionais e familiares, o que para Annor & Amponsah-tawiah (2017) “pode gerar conflitos e esgotamento de recursos físicos e mentais resultando com riscos para as relações pessoais e para o sucesso do seu empreendimento”, ademais como defende Floriano (2013), “no momento de decidir por iniciar sua empresa e em qual ramo se inserir, as mulheres tendem a levar em consideração sua família, buscando ocupações que possibilitem conciliar o aspecto profissional ao pessoal”.

Quanto ao apoio familiar no início de seu empreendimento, 03 (três) das 04 (quatro) participantes responderam que não possuíam apoio familiar para começar seus empreendimentos e, somente uma relatou que houve compreensão e incentivo de seus familiares para que exercesse sua atividade empreendedora.

Tal situação corrobora com a visão de Clark (2000), que afirma que quando os membros da família não possuem consciência da importância da fronteira entre trabalho e família, os conflitos tenderão a crescer, podendo reduzir as possibilidades de gestão, resultando em insucesso seja a médio ou longo prazo. Quanto ao apoio familiar, Clark defende os familiares como “guardiões” da fronteira trabalho-família, demonstrando que o apoio das pessoas que as cercam constantemente é fundamental para manter o equilíbrio, complementarmente, Lee Siew Kim e Seow Ling (2001) afirmam que se “o apoio emocional e de atitude é dos cônjuges, tem maior influência na redução do nível de conflito entre trabalho e família”.

Questionadas se possuem algum tipo de relacionamento, 02 (duas) das 04 (quatro) participantes responderam que possuem um marido/companheiro, sendo respectivamente uma casada e a outra em união estável, bem como 03 (três) das 04 (quatro) participantes responderam que possuem filhos.

Ao analisar tal realidade, fica evidente que há provável desequilíbrio na responsabilidade das tarefas familiares, conforme Shaukat (2017) dispõe, “a divisão das responsabilidades familiares entre homens e mulheres e suas diferentes consequências na vida pessoal e profissional ainda é desproporcional, o que pode reduzir seu desempenho e a qualidade das atividades executadas”, é ainda comum que a educação e a criação dos filhos, fiquem em maior responsabilidade sobre as mulheres. Em contínuo, Siew Kim e Seow Ling (2001) defendem que a existência de filhos aumenta o nível do conflito trabalho-família.

Diante disso, nota-se que há uma interferência direta da família na dinâmica do empreendimento e dessa dinâmica de empreendimento no contexto familiar, o que pode levar a geração de demandas conflitantes e conseqüentemente, ao conflito entre trabalho e família, como discorre Ferreira & Nogueira (2013), essas situações vivenciadas demonstram que em nossa cultura a tradição patriarcal costuma ver as mulheres como agentes responsáveis pela prestação de cuidados aos membros das famílias, conforme expõe Castiblanco Moreno (2016).

Percebe-se então que o conflito trabalho-família é uma relação bilateral, em que a família interfere no trabalho e o trabalho interfere na família, relativo a isso, os autores Kreiner, Hollensbe e Sheep (2009) assegura a necessidade de ter uma melhor habilidade no relacionamento interpessoal, ao qual auxilia no equilíbrio dos domínios trabalho-família.

Quanto às motivações para empreender, as 04 (quatro) participantes foram unânimes em responder que sua principal motivação foi necessidade de renda extra, proveniente da atividade, já que todas as participantes do questionário também responderam possuir outro trabalho além da atividade empreendedora. Essa situação vai de encontro com o posicionamento de Strobino e Teixeira (2014), que dizem que “a independência, a procura da realização, da oportunidade de mercado e

as necessidades para sobreviver, fazem com que as mulheres se tornem empreendedoras.”.

Neste sentido, quando questionadas se a atividade empreendedora é formalizada pelo advento da Lei do Microempreendedoríssimo (LC nº 128/2008), 03 (três) participantes responderam que não possuem formalização, no entanto, 01 (uma) delas complementou que pretende formalizar sua atividade e, somente 01 (uma) participante respondeu já possuir formalização. Tais dados vão de encontro com as estatísticas disponibilizadas pelo Portal do Empreendedor²⁰, em uma pesquisa atualizada na data de 23 de abril de 2022²¹, a qual expõe que no total de 933 MEI formalizadas na cidade de Itaporanga, no Estado da Paraíba, apenas 464 dessas microempresas são formalizadas por mulheres.

Em contínuo e complementarmente ao exposto e analisado, ao responderem se possuíam conhecimento prévio sobre a Lei do Microempreendedor quando iniciaram suas atividades, 03 (três) das 04 (quatro) participantes disseram que não possuíam nenhum conhecimento sobre a mencionada lei. Tal situação é justificada pelo fato do microempreendedorismo ser tratado como algo informal que apenas garante a sobrevivência, como afirmou Santos (2002).

Ainda quando perguntadas se possuem atualmente algum tipo de auxílio humano no seu empreendimento, 02 (duas) responderam que não possuem ajuda e 02 (duas) que possuem algumas pessoas auxiliando na atividade empreendedora, tal perspectiva é concomitante a visão de Agarwal & Lenka (2015) que observaram que as microempreendedoras têm investido em suas habilidades, bem como em uma comunicação mais eficaz, numa melhor organização, planejamento e liderança, e ainda, principalmente, na delegação de responsabilidades.

Por fim questionadas de como elas próprias se definiriam como microempreendedora, a P1 discorreu que é “Satisfeita com os direitos e deveres cumpridos”, já a P2 respondeu “Uma boa empreendedora” e a P3 simplesmente se definiu com “Perseverante”, já a P4 afirmou que “Me sinto mais útil”. Diante de tais

²⁰ Portal do Empreendedor, link site: <https://www.gov.br/empresas-e-negocios/pt-br/empreendedor>.

²¹ Link da pesquisa disponibilizada no site do Portal do Empreendedor: <http://www22.receita.fazenda.gov.br/inscricaoemei/private/pages/relatorios/relatorioMunicipioCnaeSexo.jsf>.

visões pessoais de si no mercado empreendedor, pode-se verificar que se tornar uma microempreendedora vai além da apenas necessidade de uma renda extra, é uma forma de se sentir bem como pessoa.

Assim, como na visão de Cisneros (2015), “a participação feminina tem ganhado importante destaque quando se fala em empreendedorismo”. Tal posicionamento pode ser observado nos dados disponibilizados no Portal do Empreendedor, como já anteriormente citado no presente texto, ao qual demonstra como o número de mulheres empreendedoras é significativo, impulsionando assim não somente a renda familiar, mas também o crescimento econômico nacional.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O empreendedorismo dentro de muitos conceitos pode ser definido e interpretado como o proveito de uma oportunidade que surgiu de forma natural ou que foi buscada por um indivíduo que possui uma visão mais abrangente do mercado a sua volta.

Tal compreensão não é algo que se mostra como uma característica comum a todas as pessoas, mas pode ser adquirida por meio de técnicas e estudos, quanto às mulheres, quando se dedicam ao perfil empreendedor, estas apresentam características peculiares quando empreendem aos quais muitas vezes excedem as expectativas que a sociedade impõe. Essa integração da mulher no empreendedorismo como foi analisado, se deu a margem da vontade da sociedade, já que a figura feminina até algumas décadas possuía um único papel social, a qual estava atrelada somente à família e à criação e educação dos filhos.

No Brasil, o empreendedorismo vem se mostrando uma forte arma de impulsionamento econômico, já que cada vez mais pessoas veem a abertura de um negócio como meio de subsistência ou de agregação ao capital pessoal, quando analisado a motivação feminina para empreender, boa parte das mulheres frisa a necessidade do complemento da renda familiar, ainda que gerasse sobrecarga nas suas atividades do cotidiano ou algum tipo de conflito dentro da própria família.

Neste meio empreendedor, a possibilidade de se encontrar formalmente legalizado pelos microempreendedores foi por muito tempo algo complexo e de alto custo, assim no ano de 2006 foi implementada a Lei Complementar 123/2006 (Lei do Supersimples), que veio como uma tentativa de facilitar a formalização para os pequenos empreendedores, mas foi somente com o advento da Lei Complementar nº 128/2008, ou como é popularmente conhecida, a MEI, foi possível uma real facilitação e desburocratização da formalização do microempreendedor individual.

Direcionando este trabalho para uma análise mais específica, foi projetado e aplicado um breve questionário a algumas empreendedoras da cidade de Itaporanga, no estado da Paraíba. Tal questionário tinha como objetivo compreender

os fatores e as consequências da criação de empresas e microempresas, bem como quais as características e perfil apresentado pelo indivíduo que dá início a estas atividades de risco, ademais qual o crescimento econômico refletido pelas atividades empreendedoras no Brasil.

Foi percebido pelos resultados do estudo que essas microempreendedoras possuíam como principal motivação a geração de renda par sustento próprio e familiar, e que a maioria delas tinham conhecimento sobre a lei do microempreendedor, mas somente a minoria delas já possuía formalização ou tinha interesse em formalizar suas atividades. Quanto ao impacto no âmbito familiar, foi percebido que a maioria possuía marido ou companheiro e filhos, o que gerava uma sobrecarga de suas atividades, como também eram elas influenciadas pelos acontecimentos da família nos seus negócios e de seus negócios na sua dinâmica familiar.

Por fim, cabe salientar que um estudo limitado a uma determinada área e fatores específicos, por meio de uma pesquisa qualitativa, não deve ter seus resultados generalizados, tanto de forma qualificante quanto estatisticamente, a outras realidades, ainda que possam ser replicadas em outros contextos culturais.

REFERÊNCIAS

- AGARWAL, S. & LENKA, U. **Study on work-life balance of women entrepreneurs – review and research agenda.** *Industrial and Commercial Training*, 47(7), 356-362 (2015).
- ALSOS, G. A., LJUNGGREN, E., CARTER, S., JORSTAD, M. O. **Women, Family and Entrepreneurship: Strategies for Managing Work-life Balance Challenges.** *Academy of Management Annual Meeting Proceedings*, 1:16079. doi: 10.5465/AMBPP.2016.16079abstract (2016).
- ANNOR, F., & AMPONSAH-TAWIAH, K. **Evaluation of the psychometric properties of two scales of work–family conflict among Ghanaian employees.** *The Social Science Journal*, 54(3), 336–345. doi:10.1016/j.soscij.2017.04.006 (2017).
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70ª, 2010.
- BARON, R.; SHANE, S. A. **Empreendedorismo: uma visão do processo.** São Paulo: Thompson, 2007.
- BARROS, A. J. P.; LEHFELD N. A. S. **Fundamentos de metodologia: um guia para iniciação científica.** São Paulo: McGraw-Hill, 1986.
- BRASIL. **Lei complementar nº 128, de dezembro de 2008.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp128.htm>. Acesso em: 30 set. 2021.
- BRASILIANO, A. et al. **Um estudo sobre a percepção dos empreendedores individuais da cidade de Recife quanto à adesão a lei do micro empreendedor individual (LEI MEI - 128/08).** *Revista da micro e pequena empresa*, v. 4, n. 3, p. 121–137, 2021. Disponível em: <<http://www.cc.faccamp.br/ojs-2.4.8-2/index.php/RMPE/article/view/183/150#>>. Acesso em: 30 set. 2021.
- CASTIBLANCO MORENO, S. E. **Female entrepreneurship in a forced displacement situation: The case of Usme in Bogota.** *Suma de Negócios*, 7(15), 61–72. doi:10.1016/j.sumneg.2016.02.004 (2016).

CISNEROS, M. E. E. **Desempeño de nuevos negocios: perspectiva de género.** Contaduría y Administración, 60(2), 468-485. doi: 10.1016/S0186-1042(15)30010-3, (2015).

CLARK, S. C. **Work/family border theory: A new theory of work/family balance.** Human Relations, 53, 747–770, 2000.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios.** Rio de Janeiro: Elsevier, Campus, 2009.

FERREIRA, J. M., & NOGUEIRA, E. E. S. **Mulheres e suas histórias: razão, sensibilidade e subjetividade no empreendedorismo feminino.** Revista de Administração Contemporânea, 17(4), 398-417. doi: 10.1590/S1415-65552013000400002 (2013).

FLORIANO, L. E. DE F. **Empreendedorismo Feminino: motivações, significados e desdobramentos.** Relatório de pesquisa (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do CNPq/GVpesquisa) - Escola de Administração de Empresas, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo (2013).

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar.** Rio de Janeiro: Record, 1997.

HISRICH, Robert D.; PETERS, Michael, P. **Empreendedorismo.** 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Itaporanga (PB) | Cidades e Estados | IBGE.** Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pb/itaporanga.html>>. Acesso em: 2 out. 2021.

KLIKSBERG, Bernardo. **Falácias e mitos do desenvolvimento social.** Tradução: Sandra Trabucco Valenzuela, Silvana Cobucci Leite – 2 ed.- São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

KREINER, G.E., HOLLENSBE, E.C., & SHEEP, M.L. **Balancing borders and bridges: Negotiating the work–home interface via boundary work tactics.** Academy of Management Journal, 52(4), 704–30 (2009).

LAGES, Sônia Regina Corrêa. **Desafios do empreendedorismo feminino: uma reflexão sobre as dificuldades das mulheres pobres na condução de projetos geradores de renda.** Revista Estação Científica, 2005.

LANDSTROM, H.; BENNER, M. **Entrepreneurship research: a history of scholarly migration.** In: LANDSTROM, H.; LOHRKE, F. (org). Historical foundations of entrepreneurship research. Great Britain: Edward Elgar Publishing. pp. 15-45, 2010.

LEE SIEW KIM, J., & SEOW LING, C. **Work-family conflict of women entrepreneurs in Singapore.** Women in Management Review, 16(5), 204-221. doi: 10.1108/09649420110395692 (2001).

LINCOLN, Y. S.; GUBA, E. G. **But is it rigorous? Trustworthiness and authenticity in naturalistic evaluation.** In: Williams, D. D. Ed. Naturalistic evaluation, new directions for program evaluation, n.30. San Francisco; Jossey-Bass, 1985.

MACEDO, Mariano de Matos, [et al]. **Empreendedorismo no Brasil: 2015.** Coordenação de Simara Maria de Souza Silveira Greco ; autores : -- Curitiba: IBQP, 2014.

MARASEA, D. C. C.; ANDRADE, P. **Mulheres empreendedoras: análise de caso de uma cooperativa feminina.** XIII SIMPEP. Bauru, SP, 6 a 8 Nov, 2006.

MARIA DE OLIVEIRA, J. **Empreendedor individual: ampliação da base formal ou substituição do emprego?.** [s.l:s.n.]. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/5638/1/Radar_n25_Empreendedor%20individual.pdf>. Acesso: 21 de setembro de 2021.

MARIA, Michele ; FRANCO, Silva. **Empreendedorismo Feminino: Características Empreendedoras das Mulheres na Gestão das Micro e Pequenas Empresas.** [s.l.: s.n., s.d.]. Disponível em: <<https://anegepe.org.br/wp-content/uploads/2021/09/333.pdf>>. Acesso em: 14/01/2022.

MARLON, Pablo; ABBAS, Walid; SILVA, Arthur; CASTRO, Ahiram; SOUSA, Juliana. **A resiliência no empreendedorismo feminino.** Revista Eletrônica Gestão e Socie-

dade ev. 13, n.34, p. 26, 29 - 26, 49 | Janeiro/Abril – 2019. Disponível em: <<https://www.gestaoesociedade.org/gestaoesociedade/article/view/2346/1405>>.

Acesso em: 30 set. 2021.

NAÚDE, W. **Entrepreneurship in Not a Binding Constraint on Growth and Development in the Poorest Countries**. World Development. v. 39, n. 1, pp. 33-41, 2011.

RESENDE, Bárbara. **Empreendedorismo Feminino: um estudo da relevância individual do trabalho de mulheres empreendedoras de minas gerais**. Editora Appris, 2020. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=Da7dDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT13&dq=empreendedorismo+individual+feminino&ots=eCfca6ADca&sig=0BpTHgJNYODY2mfFZYISxtghQYg#v=onepage&q=empreendedorismo%20individual%20feminino&f=true>>. Acesso em: 17 de setembro 2021.

SANTOS, Boaventura Souza (Org.). **Produzir para Viver: os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v.2.

SHANE, S.; VENKATARAMAN, S. **The promise of entrepreneurship as a field of research**. Academy of Management Review. v. 25. n. 1. pp. 217-226, 2000.

SHAUKAT, R., YOUSAF, A. AND SANDERS, K. **Examining the linkages between relationship conflict, performance and turnover intentions**. International Journal of Conflict Management, 28(1), 4-23 (2017).

SHELTON, L. M. **Female Entrepreneurs, Work-Family Conflict, and Venture Performance: New Insights into the Work-Family Interface**. Journal of Small Business Management, 44(2), 285–297. doi:10.1111/j.1540-627x.2006.00168.x. (2006).

SILVA, Jani Alves da. PUZIOL, Jeinni Kelly Pereira. **A influência da Teoria do Capital Humano e da Teoria do Capital Social nas Políticas Educacionais Brasileiras da Atualidade**. VI Seminário do trabalho: trabalho, economia e educação, 2008.

STOLCKE, V. **Mulheres e Trabalho**. In Estudos CEBRAP, São Paulo, Cebrap/Vozes, n. 26, pp. 81-117, 1980.

STROBINO, M. R. C.; TEIXEIRA, R. M. **Empreendedorismo feminino e o conflito trabalho família: estudo de multi casos no setor de comércio de material de construção da cidade de Curitiba.** Rev. Adm., São Paulo, v.49, Nº. 1, p.59-76, 2014.

TAVARES, Maria Augusta. **Os Fios (In)Visíveis da Produção Capitalista: informalidade e precarização do trabalho.** São Paulo: Cortez, 2004.

VADE MECUM. **Código Civil: Lei 10.406 de 10 de janeiro de 2002.** 10ª ed. São Paulo Saraiva, 2017. 15

VERGA, E.; SOARES DA SILVA, L. F. **empreendedorismo: evolução histórica, definições e abordagens.** REGEPE - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas, v. 3, n. 3, p. 03, 26 fev. 2015.

VILLAS BOAS, A. **Valor Feminino: desperte a riqueza que há em você.** – São Paulo: Ed. Do autor, 2010. WELSH, D. H. B., et al. **Saudi women entrepreneurs: a growing economic segment.** *Journal of Business Research*, v. 67, n. 5, p. 758-762, 2014.